

BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ESCREVIVÊNCIA DA MEMÓRIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL

Eliza de Souza Silva Araujoⁱ

RESUMO: Em *Becos da memória* diversas histórias se entrelaçam contando do dia a dia numa favela prestes a ser destruída na área central de Belo Horizonte. O olhar da protagonista Maria-Nova prevalece no texto, embora a narrativa se apresente por vezes em terceira pessoa e conte sobre a vida das outras personagens. É à Maria-Nova que as pessoas da favela recorrem para contar suas memórias. Essas camadas variadas de memórias e vivências (tanto ouvidas, como vividas) que ela cria na escrita, formam uma subjetividade multifacetada de uma jovem mulher melancólica que sofre com o processo de desfavelamento. A partir desse texto, pensa-se de que forma se constrói a memória da/s mulher/es negras do Brasil, num contexto urbano de pobreza e marginalização dos anos 1980. As memórias de Maria-Nova são o recurso através do qual a *escrevivência* – conceito teórico-literário de Conceição Evaristo – se apresenta no texto literário: as mulheres negras estão inscritas a partir de suas vozes, com suas verdades, venturas e desventuras, longe dos estereótipos presentes em textos da literatura nacional. No presente artigo, é objetivo discutir a *escrevivência* e a escrita de si em diálogo com o texto literário, percebendo os efeitos desse contar na construção de uma história e historiografia literária alternativas.

Palavras-chave: *Becos da Memória*. Escrivivência. Escrita de si. Mulheres afro-brasileira.

BECOS DA MEMÓRIA, BY CONCEIÇÃO EVARISTO: AN ESCREVIVÊNCIA OF MEMORY OF THE AFRO-BRAZILIAN WOMAN

ABSTRACT: In *Becos da memória* {*Memory alleys*} several stories unfold telling readers about the day to day of a favela about to be taken down in the central area of Belo Horizonte. The perspective of the protagonist Maria-Nova is prevalent in the text, although the narrative, at times, is articulated in the third person and the narrative voice tells about the life of a range of characters. Maria-Nova is the recipient of her community's memories. These layers of various memories and life events (heard and lived) which she creates, form a multifaceted subjectivity of young woman who is melancholy and suffers with the taking down of the favela. Through this narrative, I debate how the memory of Afro-Brazilian women is constructed, in a context of poverty and marginalization in the 1980s. The memories of Maria-Nova are the resource through which *escrevivência* – literary theoretical concept coined by Conceição Evaristo – is presented in the literary text: black women are written into the text through their voices, with their truth, accomplishments and misfortunes, away from stereotypes about them present in several national classic texts. In this article, I aim to discuss the *escrevivência* and the writing of the self in dialogue with the literary text, observing the effects of such telling in the construction of an alternative history and literary historiography.

Keywords: *Becos da Memória*. Escrivivência. Writing of the self. Afro-Brazilian women.



Submetido em: 24 abr. 2019

Aprovado em: 15 maio 2019

e-ISSN 2595-7295



Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

ⁱ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atua na área de concentração Literatura, Teoria e Crítica e na linha de pesquisa Estudos Culturais e de Gênero, sob orientação da Profa. Dra. Liane Schneider. E-mail: edessaraujo@gmail.com.

[A] literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Essa con(fusão) não me constrange.

(Conceição Evaristo)

INTRODUÇÃO

*Becos da memória*¹ é uma narrativa nascida de um dos primeiros experimentos literários de *escrevivência* de Conceição Evaristo, como a própria autora conta no texto que introduz a edição de 2017 da Editora Pallas. Trata-se de um texto nascido das ideias presentes numa crônica escrita por ela em 1968.

A narrativa foi escrita antes do romance *Ponciá Vicêncio*. Para Evaristo, na gênese de *Becos*, encontrava-se sua primeira tentativa de misturar escrita e vida, no conhecido modo de criação que ela cunhou de *escrevivência*. Evaristo (2017) ainda conta que escreveu o romance rapidamente, apesar de ter demorado muitos anos para publicá-lo. Ela pontua que no texto, encontram-se experiências vividas por ela e por sua família e inclui ao fim da edição, fotos do seu arquivo pessoal que a mostram com sua família, no que parecem ser ambientes daquela favela onde estão os becos – principal espaço onde atuam as personagens do texto literário em tela.

Evaristo (2017) sugere que a narrativa pode ser lida como uma “ficção da memória”. A partir dessa declaração, a autora admite que inventa histórias, mesmo as “reais”, que escolhe narrar. Ela reconhece que o colocar em palavras, pressupõe uma espécie de ficcionalização dos fatos e chega a afirmar que nada do que está no livro é verdade, assim como nada é mentira. A noção de Evaristo de que narrar é sempre, em alguma instância, (re)inventar uma realidade, delineia de que forma o/a leitor/a deve se aproximar de seu modo de escrita, onde ficção e experiência de vida se misturam, oferecendo relatos cheios de detalhes, diferentes perspectivas e tensões externas e internas: ou seja, cheios daquilo de que são formadas as memórias. A *escrevivência* dá forma a um texto onde se reforça a experiência da mulher negra que fala e vive, transitando pelas margens da cidade e reclamando para si a dignidade de contar as próprias histórias.

A voz narrativa de *Becos* varia entre a primeira e terceira pessoa. É possível perceber que a voz que fala em primeira é da protagonista Maria-Nova, que abre o romance trazendo

¹ Daqui em diante, *Becos*.

elementos importantes para sua contextualização. Logo no início do romance, apresenta-se a avó de Maria-Nova, Vó Rita, o ambiente da casa dela e seus entornos. No início da narrativa também se encontra a razão da escrita, enunciada pela narradora: trata-se de uma homenagem póstuma à avó; mas também às lavadeiras, aos bêbados, às putas, aos malandros e a personagens/moradores da favela muito importantes para a trajetória da mulher que agora escreve suas memórias de menina.

Os entornos da casa de Vó Rita aparecem no texto, com riqueza de detalhes espaciais. Assim, descreve-se a casa, que ficava em frente a uma das torneiras da favela, a de cima, onde os moradores iam buscar água para suas necessidades diárias. Este também era o lugar onde se encontravam as lavadeiras, empregadas das madames das casas do bairro vizinho, onde moravam pessoas de situação abastada. Maria-Nova, nesse contexto, anuncia a si mesma como alguém que se lembra de um tempo longínquo, quando revela:

Naquela época, eu menina, minha curiosidade ardia diante de tudo. (...) Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado! (EVARISTO, 2017, p. 16).

De início, percebe-se certa inocência e tristeza na menina. Mais adiante, ela demonstra não compreender e passa a se incomodar com as situações de injustiça social que lhe cercam. Quando no ginásio, ela chega a questionar os sistemas de opressão e a forma como se estuda a escravidão e a História dos negros na escola. A menina sempre aparece olhando os outros moradores da favela, escutando suas histórias, admirando suas vidas como quem as vê de fora, e também, a despeito de sua idade, sofre com as perdas e dores de outros membros de sua comunidade.

De certa forma, o distanciamento e amadurecimento crítico de Maria-Nova se dá por causa de seu letramento formal, por sua habilidade de ler e pelas faculdades que gradativamente atrela à leitura. Sua professora de História chega a pontuar que ela é a única aluna da turma que “chegava às conclusões” (EVARISTO, 2017, p. 110), ao ler e comparar textos. Essas competências acadêmicas lhe permitem não só se inserir num contexto mais abrangente da vida urbana, mas também lhe conferem propriedade e autoridade para contar, através do aparato literário, a história de sua comunidade. Ela também observa as outras personagens como futura escritora daquelas histórias, então sua constante identificação seguida de distanciamento crítico, se justifica pela sua intenção de fazer conhecida a história da comunidade e de denunciar as injustiças resultantes da opressão de classe nas favelas brasileiras de centros urbanos, como Belo Horizonte.

Não se sabe muito da mãe de Maria-Nova, a não ser que ela é bonita e melancólica assim como ela (EVARISTO, 2017, p. 160). As personagens mulheres que mais convivem com a menina são sua avó, Vó Rita e sua tia, Maria-Velha. Na tia, percebe-se uma representação adulta da mulher negra que habita aquele espaço. A tia é também contadora de muitas histórias dos becos e guarda segredos de outros moradores da favela. O distanciamento geracional entre as três personagens também conta uma história tanto de resistência quanto de denúncia do racismo estrutural, que atravessa gerações de mulheres que continuam habitando as favelas brasileiras.

Vó Rita, a mulher mais idosa dessa tríade geracional, é uma figura emblemática da vida em comunidade dentro da favela: ela, que já fora a parideira do lugar, guarda mistérios, histórias e principalmente muito bem querer pelas pessoas que ali vivem, e as pessoas também têm por ela muita afeição e respeito. Nela, vê-se um retrato de uma geração mais antiga e ancestral: a história de vida de Vó Rita retorna à realidade de mulheres negras ainda mais afetadas, tanto elas como suas famílias, pelos horrores da escravidão, que havia sido recém abolida quando ela era jovem.

Em contato com essas mulheres de diferentes gerações, onde se celebra o contar de histórias e o lembrar, Maria-Nova constrói sua identidade de jovem mulher observadora, curiosa e tragicamente consciente das injustiças que a cercam. É nesse espaço físico e nessa configuração social que se torna uma “menina esguia, olhos curiosos, expressão entre séria e triste” (EVARISTO, 2017, p. 91).

Quando a voz narrativa eventualmente se projeta de maneira mais ampla sobre outras variadas personagens da comunidade, ela passa a se colocar em terceira pessoa, embora sempre enfatize a presença, o olhar e a atitude de ouvir de Maria-Nova. A menina está constantemente por perto e a ela, outras personagens recorrem para contar segredos. Diferentes de outros possíveis espaços urbanos da cidade, ali, a menina é vista, validada e considerada essencial. Maria-Nova é uma jovem receptora das palavras e das histórias – isto é, do tesouro – daquela comunidade.

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. (EVARISTO, 2017, p. 31).

Naquele contexto, Maria-Nova se mostrava atenta, mais do que tudo, às vidas de quem habitava a favela. Rejeitava as histórias de guerra do seu tio, Tio Tatão, porque nelas havia sangue e morte. Interessava-se, sim, pela vida daqueles que a cercavam e interpretava a vida na favela utilizando as ferramentas de interpretação que aprendera na escola.

É assim que passa a perceber o espaço compartilhado por todos aqueles indivíduos como uma “Senzala-favela” (EVARISTO, 2017, p. 73), onde o bairro vizinho era a casa-grande, e a favela, a senzala. A menina é representada como um sujeito que percebe as limitações do sistema econômico em que os negros brasileiros estavam inseridos, no qual permaneciam servindo aos homens brancos e presos a uma situação miserável e sem qualidade de vida. Nesse exercício de questionar seus entornos, percebe sua impotência diante da situação iminente da destruição dos barracos da favela e da remoção das famílias do espaço outrora compartilhado por tantos sujeitos que se ajudavam nas lutas diárias da sobrevivência. Por isso, se diz de Maria-Nova que “Crescia violentamente por dentro.” (EVARISTO, 2017, p. 76). A forma violenta como a infância lhe é arrancada por causa dessa dinâmica de vida, é constantemente reforçada na dor que percebe nos seus e nos outros, nas histórias de violência doméstica e assédio que escuta, nas situações do dia a dia que lhe afetam. Apesar de sua impotência diante do problema mais imediato da favela – o desfavelamento –, Maria-Nova tem ciência do poder que tem nas mãos ao contar a história daquelas pessoas historicamente silenciadas. Ela tem consciência de que pode mudar o curso daquela história ao se apropriar de espaços outros carregando consigo as histórias de onde vem.

A voz da memória ficcionalizada leva o/a leitor/a pelos becos, buracos e alas de vidas que não se costumam olhar ao transitar pelos espaços principais da cidade. A vida e experiência da autora, misturada a essa recriação dos espaços e situações de que se lembra, formam um texto onde se lança mão do material autobiográfico como recurso, e se ficcionaliza a partir desse lugar onde já habitam as memórias. Mais adiante, discutirei de que forma percebem-se a escrevivência e as memórias, construções de teor autobiográfico, na narração da/s história/s da/s mulher/es negra/s e periférica/s dos centros urbanos brasileiros da década de 80; essas representadas com exemplos das personagens de *Becos*.

1 ESCRE(VIVENDO) AS MEMÓRIAS: DISCURSOS E DES-CURSOS

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. (...) Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia.

(Conceição Evaristo)

O trecho ora transcrito abre a discussão de Conceição Evaristo no artigo “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face” (2005). Ao contextualizar sua relação pessoal com a literatura, a contação de histórias e a leitura, Evaristo recorre à sua vivência: suas memórias dentro de casa, na presença de sua família. Mais adiante, a autora critica a representação das mulheres negras na literatura brasileira e pontua que através das personagens em livros clássicos da literatura nacional, elas tinham frequentemente relação com o seu passado escravo, eram colocadas como corpos para a procriação e satisfação sexual do senhor branco e jamais apareciam como musas, heroínas ou em alguma posição de destaque, especialmente na presença de mulheres brancas.

A leitura que a autora faz deste fato é a de que esta escolha tem fundamento no pensamento da sociedade escravocrata e nas marcas que esta deixou na estrutura social até hoje. A autora argumenta também que há uma lacuna na representação da mulher negra como mãe, e reforça que “é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e sobrevivência.” (EVARISTO, 2005, p. 203).

Ao articular esse contexto, Evaristo pontua algumas das mais importantes ideias que corroboram com a construção de *Becos*: a família e as memórias; estas, que tomam forma através do discurso presente no contar daquelas histórias narradas no romance em tela. Para Evaristo, a invisibilização das mulheres negras na literatura segue a mesma tendência do apagamento que estas sofreram no registro escrito da História oficial do Brasil. Assim, a escritora pontua de que forma se resiste e se combate esse apagamento histórico/literário:

[A]s escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A *escre(vivência)* das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla

condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205, grifos no original).

À medida que inscreve e recria ficcionalmente sua memória, Conceição Evaristo exerce uma tomada de poder sobre a História, uma forma de inscrever a sua existência na narrativa nacional. É importante que narrativas como esta existam como contraponto à narrativa que reforça o discurso da harmonia entre as raças no Brasil e da inexistência do racismo. A esse respeito, a psicanalista Neusa Santos Souza afirma:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SANTOS SOUZA, 1983, pp. 17-18).

A escrevivência expressa na narrativa de Evaristo é uma materialização desse resgate. Tal resgate também configura a formação de uma identidade, através dessa escrita da subjetividade plural das possíveis mulheres negras brasileiras. Pela necessidade desse discurso alternativo, Santos Souza conclui que “Ser negro é tornar-se negro” (1983, p. 77). A escritora adiciona: “no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra” (1983, p. 77). Por isso a escrevivência se faz necessária, no âmbito da literatura e cultura para reclamar para a mulher negra, essa identidade e essa subjetividade subtraída/perdida.

Becos é uma narrativa que centraliza as experiências e vozes das mulheres negras que compartilham o ambiente da favela. No texto literário, as vemos a partir de suas memórias e em constante diálogo com suas famílias e com a comunidade ao seu redor. As memórias que são o fio condutor dessa narrativa maior da vida na favela pela ótica de Maria-Nova, preenchem as lacunas que Evaristo afirma existirem historicamente em relação às mulheres negras. Simone Pereira Schmidt (2017), no posfácio da edição de *Becos*, afirma que essa escolha ficcional também tem impacto político e cultural ao contar para o leitor brasileiro sobre a experiência negra, de um lugar onde se nega o caminho dos estereótipos outrora representados na literatura nacional.

Historicamente, a escolha narrativa de Conceição Evaristo ainda tem mais uma razão importante para existir: o fato de que a história da escravidão também foi ao longo dos séculos, contada por aqueles que detinham o poder econômico e escreviam a história, nunca da perspectiva dos sujeitos escravizados. Utilizar a memória como recurso, e como ferramenta

de resistência, então, se faz necessário e urgente: essa “História oficial” que também formou os argumentos que sustentam o racismo estrutural, precisa constantemente ser revista, questionada, desconstruída e reconstruída.

Adelaide Calhman de Miranda (2015) estuda romances brasileiros contemporâneos de autoria feminina² em que a memória, e o esquecimento, contribuem para uma “reformulação da história das mulheres e seus espaços, assim como da historiografia literária” (p. 85). Pode-se colocar esta premissa em diálogo com o que Evaristo traz na discussão anteriormente mencionada: através das memórias e de uma *escrevivência*, as mulheres negras trazem novas perspectivas sobre seus corpos e espaços, outrora representados de maneira estereotípica, para o universo literário. Essa resistência artística também reformula a história dessas mulheres e desses espaços, assim como traz para a historiografia literária, um novo repertório de vozes e histórias antes não contempladas ou lidas.

Nos romances que estuda, Miranda observa que “além de reestabelecer a subjetividade a partir de sua relação com o espaço, a temática da memória insere-se no processo de crítica ao cânone literário.” (2015, p. 86). Nesse movimento, não só a autoria feminina se mostra presente e relevante no contexto nacional, como a memória se coloca como recurso indispensável na contação de histórias negras. A memória então prova ser um recurso não só pertinente, mas necessário para a reformulação de uma historiografia literária que necessita ser atualizada.

Miranda também utiliza o termo *mosaico* para se referir ao conjunto de enredos construídos num dos romances que estuda, a partir de uma memória coletiva. O que acontece com as memórias narradas em *Becos* se assemelha a essa metáfora, se considera-se que, mesmo a narrativa da protagonista Maria-Nova é também construída a partir da/na alteridade. A memória maior que se constrói no livro é também coletiva, porque é construída por diferentes atores da comunidade ficcionalizada no enredo. É a memória, da protagonista e dessas outras variadas personagens, que dá forma ao espaço, um dos elementos mais essenciais dessa narrativa, o que podemos perceber desde o título que sugere que o livro conta a história daqueles *Becos*. As ideias de Miranda e Evaristo ainda se complementam quando Miranda afirma que “a memória revela-se uma mistura de lembrança e invenção” (2015, p. 92). Também Evaristo anuncia sua tranquilidade em narrar no texto aquelas memórias suas e de sua família e comunidade, que constituem tanto “verdades” como “mentiras”.

² Os romances que compõem o corpus do trabalho de Miranda são: *Rakushisha*, de Adriana Lisboa, *Coisas que os homens não entendem*, de Elvira Vigna, *A matemática da formiga*, de Daniela Versiani e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

Kimberly Drake³ (1997), em “Rewriting the American self: Race, gender and identity in the autobiographies of Frederick Douglass and Harriet Jacobs”, estuda autobiografias dos autores citados no título do artigo e traz o argumento já reforçado na teoria de Evaristo: escrever é uma forma de se marcar como ser que existe na cultura. Não só Drake observa essa tendência em narrativas clássicas de ex-escravos nos Estados Unidos, ela também critica a forma como no contexto e tempo em que publicam, Douglass e Jacobs acabam adequando sua subjetividade expressa nas narrativas a determinadas normas, como forma de encaixar-se na definição do que é ser um cidadão americano. Uma vez que escravos eram totalmente excluídos das normas que se estabeleciam de masculinidade e feminilidade padrão, reclamar a identidade estadunidense ali, passava por uma adequação a essas regras de conduta. Para mulheres, por exemplo, isso significava uma reverência à domesticidade e à castidade, e para homens, um afastamento da figura da mãe e o desejo de libertar-se de amarras sociais.

Ao invés de uma mostra de pluralidade de subjetividades possíveis, o que configura, no contexto estadunidense do séc XIX, uma verdadeira quebra de expectativas e superação do sujeito negro, é o próprio letramento. Drake afirma: “Com o letramento, surge um entendimento que desnaturaliza a escravização (...). Para o escravo, aprender a ler e escrever provê uma demanda implícita (...) que é a base de uma demanda por autonomia e autoridade⁴” (1997, p. 101).

Neste ponto, nota-se que embora a escrevivência demande o recurso da ficcionalização tanto quanto o direito a contar as memórias, a forma como as mulheres negras se inserem no texto literário no caso do texto de Evaristo, especialmente sendo sujeitos formados nas margens da sociedade urbana, não se prende a expectativas de se adequar a feminilidade ou a um padrão de cidadã brasileira. As mulheres em *Becos* existem na literatura a despeito da sua posição social e dos padrões morais que regem a sociedade. Suas histórias de vida, reforçam que a sociedade brasileira é multirracial, ao mesmo tempo em que desafiam a noção da democracia racial⁵ e que denunciam a desigualdade social. As personagens femininas de *Becos*, denunciam a existência do racismo na sociedade brasileira e marcam repetidamente como os sistemas opressores as mantém economicamente limitadas e susceptíveis a violências variadas.

³ As traduções dos textos originalmente escritos em inglês, são de responsabilidade da autora deste artigo.

⁴ With literacy comes an understanding which denaturalizes his enslavement (...) For the slave, learning how to read and write provides implicit claim (...) that is the basis for any claim to autonomy and authority.

⁵ Neusa Santos Souza afirma que há alguns baluartes da democracia racial: “A inexistência de barreiras de cor e de segregação racial” (1983, p. 22), por exemplo, são suposições culturais propagadas no imaginário brasileiro que fazem com que o negro perceba a seu próprio grupo como negativo e incapaz e deseje se embranquecer (e nesse sentido, aproximar-se do culto, do apropriado e do limpo) mais do que se afirmar como negro.

A constante exploração do drama das pessoas que vivem na favela, é uma negação da democracia racial, ao mesmo tempo que é uma denúncia do racismo. Nega-se que as raças no Brasil convivam de forma harmônica à medida que se vê que aquela comunidade é destruída, coisa que não acontece com os bairros nobres que a circundam. Maria-Nova, narradora-personagem, narra o drama de ver os tratores indo e vindo e desfazendo as casas:

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos, meio século até, ou mais. O que seria a lei usucapião? Eram estes pensamentos que agitavam a cabeça de Maria-Nova, enquanto olhava o movimento de tratores para lá e para cá. (EVARISTO, 2017, p. 71).

O caráter multirracial da sociedade brasileira também aparece nas representações das personagens tanto dentro quanto fora da favela. É essa multiplicidade de raças que promove a tensão quando Maria-Nova quer contestar a narrativa da “Libertação dos Escravos” (EVARISTO, 2017, p. 149) da professora na escola e percebe que a única outra aluna negra da sala não a apoia no seu argumento. Trata-se de uma sala de aula onde os efeitos da multirracialidade e da propagação da democracia racial se fazem visíveis. Por conveniência dessa narrativa, a outra menina negra não se sente impelida a dizer nada sobre a suposta liberdade dos negros, que precisa ser problematizada num Brasil onde o avanço do capitalismo ameaça comunidades inteiras como a de Maria-Nova.

As diferentes tonalidades da negritude, características também da sociedade brasileira multirracial, são ainda contempladas no texto. Quando a personagem Dora conhece Negro Alírio na favela e se apaixona por ele, por exemplo, essa nuance é apresentada. Dora é descrita como mulher mulata (EVARISTO, 2017, p. 90), liberada sexualmente (p. 92-93), inteligente (p. 94) e cheia de amor-próprio (p. 95). Quando eles se conhecem, a voz narrativa conta:

Ela disse se chamar Dora. Ela gostava muito do nome dela, aliás, Dora gostava muito de si própria. Ele disse se chamar Negro Alírio. Negro deveria ser apelido e Alírio o nome, mas ele dissera Negro Alírio. Gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro, ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado; negro filho da puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais! (EVARISTO, 2017, p. 95).

As personagens de *Becos*, então, não apenas desafiam as normas de comportamento que definem masculinidade e feminilidade na sociedade brasileira: elas se afirmam como subjetividades plurais, possíveis e existentes. Essa escrevivência não somente remedia as

lacunas da História do Brasil. Ela também serve a fins epistemológicos em que traduz no discurso literário e cultural o pensamento feminista negro de dentro do contexto nacional. Miranda cita Patricia Hill Collins, que percebe que no contexto estadunidense,

o ponto de vista das mulheres afro-americanas surge a partir da experiência concreta do contexto opressor ao qual é submetida, e dos atos de resistência a essa opressão. A elaboração de uma epistemologia feminista afrodescendente articula o conhecimento diário, não-reconhecido, baseado nas vivências e nas ideias compartilhadas pelo grupo com as novas auto-definições e identidades coletivas. (COLLINS 1989 apud MIRANDA, 2015, p. 99).

As vivências das mulheres negras, suas vozes e sua auto-representação constituem elementos importantes para a epistemologia do pensamento feminista negro, que se alimenta não só do que já se produziu academicamente dentro dos estudos de raça e gênero, mas também das lutas de resistência de base, travadas em oposição a um sistema de opressão. O feminismo negro, também no contexto brasileiro, incorpora esses discursos e se interessa pelas falas das margens e das vozes que historicamente foram apagadas principalmente pela opressão de gênero, raça e classe.

Luzia Margareth Rago (2013) pontua que o Brasil é conhecido por ter um dos mais importantes movimentos feministas desde os anos 70. Desde aquela década, a despeito da repressão da ditadura militar brasileira, mulheres se uniram e passaram a criar narrativas alternativas de existência e reivindicar novos espaços sociais. Por causa desses movimentos, as mulheres tiveram seus temas discutidos em sindicatos, partidos políticos e universidades, trazendo mais reflexões sobre as questões femininas, e posteriormente, dando espaço para discussão das questões de gênero. No contexto atual de mudanças já perceptíveis e de reivindicação de mais mudanças sociais, Rago percebe as narrativas literárias como importantes meios através dos quais se pode reconstruir o passado, em busca de uma avaliação crítica do presente. Para ela, os relatos autobiográficos, e aqui incluímos conceitos próximos a eles como a escrita de si, a escrita das memórias, e a *escrevivência*, são de suma importância:

Parto da concepção de que a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real-social é construído discursivamente. (...) Se entendemos que os feminismos abrem outras possibilidades de subjetivação e de existência para as mulheres, é necessário que levemos em conta a linguagem e o discurso, meios pelos quais se organizam a dominação cultural e a resistência. (RAGO, 2013, p. 30).

O discurso que se apresenta através da forma literária, no caso da prosa de *Becos*, valoriza também o discurso oral ao ficcionalizar histórias/causos contados na comunidade, usando a linguagem própria dos falantes daquele contexto para dar forma a esses relatos. A construção do *real-social* assim, se configura não só pela presença dos relatos de vida das personagens na narração, mas ainda se afirma a partir dos termos usados por elas, dando visibilidade a esse modo de falar, que também pode existir na literatura. Os apelidos das personagens (Zé Meleca, Pedro da Zica, Sô Ladislau, Fuizinha, etc) e termos informais e coloquiais do dia-a-dia da comunidade encontram inserção não só nas falas das personagens, como nos trechos em que a voz narrativa narra o drama da comunidade:

As mudanças, trouxas, latas, meninos e grandes, cachorros, desamparo, merda e merda, tudo era acomodado desacomodadamente em cima do caminhão (também oferecido pela firma construtora). Os vizinhos observavam a partida, sabendo que daí a uns dias seriam eles. (EVARISTO, 2017, p. 81).

Esta escolha, que leva em consideração a oralidade da/na comunidade, também contribui para o que Rago levanta: através da linguagem, do discurso, questiona-se a dominação cultural, e até mesmo o cânone literário brasileiro, e pratica-se a resistência. Os ganhos dessa resistência projetam-se no feminismo, na cultura como um todo, e na historiografia literária do Brasil. Ganhamos vozes outrora não ouvidas/lidas na literatura nacional, uma noção mais abrangente de um espaço – o da favela – frequentemente limitado pelas representações sociais veiculadas na mídia e relatos da experiência de gênero nos contextos de classes socialmente desfavorecidas que também devem pautar o pensamento feminista que deve ser atualizado e revisto, acompanhando as mudanças estruturais e sociais do Brasil e do mundo.

Assim, entende-se que a escrevivência reinventa discursos ao mesmo tempo em que desmantela o curso pré-estabelecido pelo cânone e pelos estereótipos sobre mulheres negras brasileiras. Essas contestações também partem do feminismo, que se opõe a práticas culturais que fomentam políticas racistas, práticas de violência nocivas e destruição de comunidades negras que lutam para resistir e existir.

2 ESCRITAS DE SI POSSÍVEIS: (AUTO)REFERÊNCIA, LEGADO E HISTÓRIA

Diana Klinger (2012) observa que algumas narrativas, de certa forma, contravêm o que Lejeune categorizara como característica diferenciadora entre a ficção e a autobiografia: o pacto biográfico. O pacto, podendo ser implícito ou explícito, determina a forma como o leitor receberá o texto literário. Em alguns casos, é possível que a ficção se misture com traços da biografia do/a autor/a. Observamos isso em *Becos*: embora Evaristo afirme sua intenção de contar suas memórias e de sua família, dedique o livro a essas pessoas, inclua fotos de seu arquivo pessoal na capa, contracapa e orelhas do livro, as histórias contadas na narrativa também são ficcionalizadas e “inventadas”. Para Klinger,

É precisamente essa transgressão do “pacto ficcional”, em textos que, no entanto, continuam sendo ficções, o que os torna tão instigantes: sendo ao mesmo tempo ficcionais e (auto)referenciais, estes romances problematizam a ideia de referência e assim incitam a abandonar os rígidos binarismos entre “fato” e “ficção”. (KLINGER, 2012, p. 11, aspas da autora).

Ler *Becos*, então, é um exercício de não esperar definições claras do que se configura como o que é fato e o que é ficção. Como citado anteriormente, Conceição Evaristo quebra com essa possível expectativa do/a leitor/a ao dizer que nada do que narra em *Becos* é verdade, ou mesmo mentira. Klinger também observa algo na escrita de si dos anos pós-ditadura: “a memória não é mais dispositivo ao serviço da conservação de valores de classe mas, pelo contrário, funciona como testemunho e legado de uma geração que precisamente teve um projeto de mudança de valores” (2012, p. 21).

Embora *Becos* tenha sido escrito ainda no contexto de ditadura/redemocratização do Brasil nos anos 1980, vemos que a memória nesse texto também tem intenção de registrar um legado de uma comunidade, de vidas que são completamente transformadas a partir das injustiças nascidas do pensamento capitalista, que visa fazer dos centros urbanos grandes máquinas geradoras de capital, a despeito da vida daqueles que habitam esses lugares, particularmente, suas regiões mais pobres. Essa inversão de valores em que o capital tem mais valor que a vida e que a família, está claramente posto em questão na narrativa em tela. O impacto traumático que o desfavelamento tem sobre as personagens e suas famílias está exposto para que se haja um questionamento desses valores e para que se justifique um projeto de mudança destes. Essa inversão de valores expressa na narrativa, resulta até mesmo em um suicídio e em mortes geradas por um acidente com os tratores que ficam estacionados na favela.

Sobre o romance autobiográfico, produto de uma escrita de si, Klinger afirma que, diferente da autoficção, seu enredo transita na esfera da verossimilhança e do possível, enquanto a autoficção levanta dúvidas quanto ao verossímil e quanto ao que se pode verificar. Sobre a autobiografia e a identificação herói-autor, Klinger adiciona: “o romance autobiográfico convence o leitor de que tudo se passa logicamente, mesmo que o narrado não seja verificável. (...) o texto (...) distribui índices de ficcionalidade que atentam contra a identificação” (2012, p. 42). Como não podemos sempre relacionar o que se passa na ficção à vida do autor, o romance autobiográfico assume um caráter por vezes ambíguo, embora a ambiguidade seja uma característica que Klinger em seu texto, atribua mais frequentemente à autoficção. A autoficção ainda é apontada como um gênero que produz “mitos do escritor” (2012, p. 46) e que é caracterizável pela *performance* (2012, p. 51).

Embora perceba-se *Becos* como um romance que tem características autobiográficas, tanto os editores na orelha do livro o chamam de romance memorialista, como Conceição Evaristo o classifica como ficções da memória. Nota-se uma preferência pelo termo que enaltece a memória (e no caso desse texto, a memória coletiva) para além da experiência de si. *Becos* conta com alguns ingredientes da narrativa autobiográfica que Klinger (2012) aponta: tem uma narração em primeira pessoa que abre o romance, a narradora é uma alter-ego da autora – que quando menina, também ouvia as histórias de sua comunidade – e a narrativa apresenta uma espécie de mudança interna da narradora que, embora se afaste do ofício de narrar o livro, que em determinado ponto passa a ser narrado em terceira pessoa, mostra um crescimento crítico, intelectual e cresce na sua forma de se comunicar com sua comunidade e com o mundo fora dela, representado, no caso dela, pela escola.

Em *Autobiography*, Linda Anderson (2011) fala da memória e da sua importância para a História, de uma perspectiva freudiana. A pesquisadora afirma:

O passado que está, então, situado de maneira latente dentro do sujeito, parece vir da experiência vivida fora como um instantâneo e violento choque, fazendo com que as pessoas reformulem retrospectivamente o seu senso de si e da vida que levaram. A História nunca é definitiva e finalmente conhecida, então, mas é capaz de constante alteração a medida que mais é lembrado ou comunicado ao consciente, fazendo o sujeito pensar tanto sobre o passado como sobre o presente de maneira diferente⁶ (ANDERSON, 2011, p. 58).

⁶ The past, then, lying dormant or latent within the subject, seems to come from outside lived experience as a momentous and violent shock, causing people retrospectively to recast their sense of themselves and the life they have led. History is never definitive or finally known, therefore, but is capable of constant alteration as more is remembered or released into consciousness, causing the subject to think both the past and the present differently.

A contribuição da narrativa de *Becos* para a História e historiografia parte então dessa maneira alternativa de acessar – e escre(viver) – o passado, lembrando e comunicando mais sobre ele, o que faz o/a leitor/a, compreender também o presente de forma diferente e expandida. Anderson (2011) também sugere que a crítica feminista dos anos 1970 e 1980, que buscava investigar a autobiografia de mulheres abriu espaço para a desconstrução da autobiografia como gênero, que até aquele momento, havia dado espaço a homens brancos e então, passava a adquirir uma dimensão política em que novos grupos sociais chegavam ao lugar de quem narra suas histórias. A autobiografia torna-se então um gênero onde é possível “depor a opressão e empoderar o sujeito através de sua inscrição e reconhecimento⁷” (ANDERSON, 2011, p. 97). Tais objetivos também são alcançados pela escrevivência, mesmo tratando-se de uma estilística dentro do gênero ficcional. Não só ela é uma forma de discurso que traz hibridez ao gênero ficcional, ela também se abre para a possibilidade autobiográfica da vivência, sem privilegiar ou tomar um terreno como mais legítimo ou importante que o outro.

O texto narrativo em tela, com traços autobiográficos, a ser lido como ficções da memória, apresenta um texto que funciona como crítica política, contendo vozes auto-representativas e (auto)referenciais de mulheres negras e escrito através da escrevivência. Através da literatura, abre-se espaço para uma revisão da historiografia literária brasileira, que pode se beneficiar de uma produção mais plural e de representações negras também mais plurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, observo que a narrativa de *Becos* usa a escrita de si como uma escrita de memórias, cuja experiência atravessa não só o *si* ou o *eu* que narra, mas sim toda uma comunidade de personagens que não só agem em conjunto com a protagonista no enredo, mas participam da própria caracterização dela. Muito da dor de Maria-Nova vem das dores que percebe naqueles que a cercam. Muito de seu jeito observador é inspirado pela peculiaridade das histórias que ouve e pela percepção de que no espaço da favela, se vive uma vida distinta de outras vidas, vividas em outros cantos da cidade.

A memória da mulher negra brasileira, presente no texto literário em tela, contempla variadas histórias de vida que se desenrolam no espaço da favela. O texto apresenta múltiplas

⁷ testifying to oppression and empowering the subject through his/her cultural inscription and recognition.

formas de ser mulher negra no Brasil. Ao mesmo tempo, o texto narrativo questiona o sistema que relega as mulheres negras à margem da sociedade, por meio, exatamente da inserção da sua subjetividade em uma narrativa na literatura brasileira. A memória é essencial nesse processo de reconstrução e resgate dessa identidade: o que as mulheres lembram e a ancestralidade que trazem na sua experiência no Brasil que tem raízes na diáspora africana é o que as interliga em suas diferentes formas de existir.

A articulação da memória nesse sentido, está atrelada à escrita de si e suas potencialidades políticas de denunciar opressões e dar voz aos oprimidos. A escrevivência de Conceição Evaristo e sua tranquilidade em assumir seus recortes e suas escolhas, de narrar e ficcionalizar sua experiência como mulher negra, são também escolhas políticas, nessa narrativa cujo conteúdo leva o/a leitor/a a reflexões acerca de governos e estruturas de poder instituídas.

A partir de uma leitura crítica de *Becos*, se questiona porque existem as favelas, como as pessoas se instalam nelas, porque essas pessoas seguem com dificuldades de se inserir em outros espaços da cidade, porque as vidas delas parecem ter menos valor para o Estado do que as vidas de quem mora em bairros mais abastados, entre outros questionamentos. Várias inquietações de Maria-Nova são transmitidas ao sujeito que lê, enquanto se conhecem aquelas histórias interessantes, desconhecidas e nada triviais.

O contar das memórias de quem viveu nos *Becos*, traz conteúdo para que se pense uma história outra das pessoas negras que habitam os espaços periféricos dos grandes centros brasileiros. Não só a narrativa inquieta seus leitores/as e críticos desses espaços, mas também inspira a mudar o curso do registro escrito da História e da literatura brasileiras.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Linda. *Autobiography: the new critical idiom*. New York: Routledge, 2011.

DRAKE, Kimberly. Rewriting the American self: race, gender and identity in the autobiographies of Frederick Douglass and Harriet Jacobs. *In: Melus*, vol 22, n. 4. 1997.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da construção de *Becos*. *In: EVARISTO, Conceição. Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MIRANDA, Adelaide C. Memória e cidade na narrativa brasileira contemporânea de autoria feminina. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

SANTOS SOUZA, Neusa. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCHMIDT, Simone P. Posfácio: a força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

RAGO, Luzia Margareth. Introdução. In: RAGO, Luzia M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.